**FICHAMENTO 1**

COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: \_\_\_. **Andar entre livros -** A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.

Isabelly F. Marques

“Entre essas duas datas, em meios do século XIX, haviam começado a ser escrito em diferentes países livros especialmente pensados e escritos para a etapa escolar embora sempre levando em conta que sua função principal era a instrução moral. Esses “livros de leitura” agrupavam pequenos relatos edificantes, histórias humorísticas ou pequenas peripécias emocionantes. Alguns foram incluindo também poemas ou fragmentos, patrimônios de literatura nacional, de modo que se unificaram as referencias etapas primária e secundária.” (pág. 15)

[Os livros, mesmo em âmbito escolar, vão deixando de ser apenas para ensinar bons modos e costumes para as crianças e vão sendo introduzidos de forma sutil as histórias de entretenimento.]

“Da perspectiva dos alunos, a leitura literária não teve uma presença consciente na percepção das atividades escolares. (pág. 17) [...] Todos estes conteúdos escolares quase sempre são lembrados como áridos, absurdos e desconectados da vida, de modo que cabe refletir sobre a triste impressão que tantas horas de ensino deixaram nessa pobre representação do conhecimento transmitida por uma literatura de séculos. É também impressionante comprovar que são escritores precisamente, ao que tudo indica aqueles que encontraram em outro lugar o estímulo para dedicar-se posteriormente a literatura, os que nunca mencionam o prazer literário na escola.” (pág. 18)

[É chamada atenção para o fato de que os conteúdos escolares, enfatizando a literatura, são enfadonhos para os alunos. Usando o exemplo dos escritores, que muitos imaginam que são pessoas que se dedicam a literatura desde a fase escolar, também sofreram com a precariedade do ensino.]

“Ao surgir um novo contexto de ensino, a escola começou a mudar seus objetivos e o uso didático dos livros. Deu-se por terminada a hegemonia literária no ensino da lingüística; diversificaram-se os materiais escolares – divididos até então em livros de textos e livros de leitura -, incorporando a leitura de diversos textos sociais (jornais e revistas, publicidade, livros informativos, etc.); introduziram-se práticas de leitura que, como no caso da biblioteca escolar; procuram tornar-se tão parecidas quanto possível ao uso social da leitura realizada fora da escola; ampliou-se a concepção do *corpus* literário com a entrada de obras nacionais ou não canônicas, tais como os livros infantis e juvenis, e se substituiu a leitura das antologias e manuais literários pela reinvidicação do acesso direto às obras.” (pág. 24)

[Neste parágrafo o autor menciona a mudança no modo de ensinar a literatura, deixou de ser uma matéria isolada para se juntar a línguística. Amplificou o contexto de literatura e mostrou que literatura está na vida cotidiana de diversas maneiras, não apenas nos livros.]

“Como conseqüência, questionou-se a idéia de que saber literatura fosse saber história literária e reinvidicou-se a substituição do conhecimento enciclopédico pelo desenvolvimento da competência literária dos alunos através da leitura e da formação de instrumentos interpretativos, baseados na análise dos elementos que configuram as obras.” (pág. 25)

[O elemento histórico do texto saiu de cena para o texto ser protagonista. Foi enfatizada interpretação e analise das obras e não a biografia do autor, quando foi escrito, onde etc, pois foi visto que para o objetivo, o ensino de literatura, não havia tanta relevância.]

“Definitivamente, a literatura converteu-se em um ponto de reunião de diferentes disciplinas e a idéia de seu valor como construção cultural das pessoas foi assinalada repetidamente por autores de diversas áreas da psicologia cognitiva, como Bruner, da teoria literária, como Bajtin ou Ricoueur, ou do campo da didática, como Reuter ou Bronckart.” (pág. 28)

[A literatura passa a ser apoio para diversas áreas do conhecimento e não apenas no âmbito fechado da literatura. Diversos teóricos de áreas como a psicologia, teoria literária e didática utilizam a literatura como auxilio.]

“Em segundo lugar o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural,* no momento em que têm início as grandes questões filosóficas propostas ao longo do tempo.” (pág. 31)

[O autor trás a reflexão de que o aluno para enfrentar a chamada diversidade social e cultural é necessário que ele saiba formar sua opinião e neste parágrafo o autor da o exemplo de levar o aluno a ler dois textos diferentes e refletir sobre eles.]

“Por outro lado, quando a sociedade se queixa de que os meninos e as meninas não leem, parece que se lamenta de não os ver sentados com uma obra literária nas mãos, mas o que teme é que não dominem a língua escrita, de maneira que não tenham êxito na escola e comprometam com isso sua ascensão social. Pensa-se, pois, na função utilitária de leitura própria das sociedades alfabetizadas, um objetivo que inclui aspectos tão distintos como o uso cotidiano do escrito ou o acesso à informação e ao conhecimento.” (pág. 34)

[Neste parágrafo o autor critica as pessoas que se queixam das crianças que não tem o habito da leitura, mas não fazem nada além de passar atividades maçantes para as crianças e não de um modo que elas se interessariam e procurariam por si só. Não mostram para as crianças que a literatura está presente em seu cotidiano.]

“[...] Da mesma forma, pode-se constatar que na sociedade predomina uma função profissionalizante da leitura; por exemplo, nos estudos universitários a bibliografia de cada matéria é já tão ampla que os alunos – e também seus professores – praticam uma leitura rápida de capítulos, artigos, fragmentos e sínteses divulgadoras, mais do que uma leitura reflexiva de livros complexos e de obras que constituem as fontes primeiras da disciplina. Já salta à vista que as formas de vida atuais se afastam das representações leitoras anteriores, devido a que incluem uma relação utilitária com o tempo, não propiciam atividades de ritmo sustentado e concentrado, desenvolvem hábitos de socialização juvenil que não passam de compartilhar as leituras, ou produziu-se nelas a desvalorização do livro – ou, o que é o mesmo, quanto à posse de bibliotecas particulares – como elemento de prestígio das classes altas.” (pág. 47)

[A reflexão feita é que os universitários, que são pessoas que são vistas como as que lêem mais, também sofrem com a falta da leitura. O autor trás, o fato que os estudantes e até os professores lêem muito coisas soltas, algo especifico para determinado trabalho ou prova, sendo assim não lêem livros em si.]

**FICHAMENTO 2**

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Prosa e Verso,** Rio de Janeiro, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido>>>. Acesso em: 14/01/2019.

Isabelly F. Marques

“No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida freqüentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.”

[A reflexão trazida pelo autor é que, no Brasil, quando as coisas melhoram é só para quem tem uma boa condição monetária. A população de baixa renda continua do mesmo modo, mesmo que o país esteja se desenvolvendo e ficando mais rico. A distribuição de renda do Brasil é ineficiente para quem realmente necessita]

“É verdade que a barbárie continua até crescendo, mas não se vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado. Sob este aspecto, os tribunais de Nuremberg foram um sinal dos tempos novos, mostrando que já não é admissível a um general vitorioso mandar fazer inscrições dizendo que construiu uma pirâmide com as cabeças dos inimigos mortos, ou que mandou cobrir as muralhas de Nínive com as suas peles escorchadas. Fazem-se coisas parecidas e até piores, mas elas não constituem motivo de celebração. Para emitir uma nota positiva no fundo do horror, acho que isso é um sinal favorável, pois se o mal é praticado, mas não proclamado, quer dizer que o homem não o acha mais tão natural.”

[Neste parágrafo o autor chama a atenção para a “falsa consciência” que seria o fingir que a barbárie acabou, porém nada mais é que uma camuflagem, pois continua acontecendo, mas se eles continuassem a se vangloriar desses feitos bárbaros eles seriam julgados e martirizados.]

“São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.”

[A literatura sendo colocada no mesmo patamar dos outros direitos básicos e por consequência sendo questionada do mesmo modo]

 Mas a fruição da arte e da literatura estaria mesmo nesta categoria? Como noutros casos, a resposta só pode ser dada se pudermos responder a uma questão prévia, isto é, elas só poderão ser consideradas bens incompressíveis segundo uma organização justa da sociedade se corresponderem a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora. A nossa questão básica, portanto, é saber se a literatura é uma necessidade deste tipo. Só então estaremos em condições de concluir a respeito.

[A literatura sendo vista não só como um direito, mas também como uma necessidade, mesmo que seja de um modo inconsciente]

“Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido.”

[As palavras tem o poder de impressionar, porém não necessariamente do modo em que o autor das palavras planejou, pois assim que dita ou escrita a palavra toma proporções que nem mesmo o autor imagina. O autor propicia a superação do caos, ou seja, conta que o receptor entenda o que ele quis dizer/escrever, porém cada pessoa tem sua interpretação.]

“Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significado que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos.”

[O texto vai ter um conjunto de significados sendo ele julgado de alta qualidade ou não, pois pode ter uma relevância pra mim que não tem para outro, mesmo que haja uma hierarquia literária.]

“Talvez o livro mais característico do humanitarismo romântico seja Os miseráveis, de Victor Hugo. Um dos seus temas básicos é a ideia de que a pobreza, a ignorância e a opressão geram o crime, ao qual o homem é por assim dizer condenado pelas condições sociais. De maneira poderosa, apesar de declamatória e prolixa, ele retrata as contradições da sociedade do tempo e focaliza uma série de problemas graves. Por exemplo, o da criança brutalizada pela família, o orfanato, a fábrica, o explorador – o que seria um traço freqüente no romance do século XIX. N’Os miseráveis há a história da pobre mãe solteira Fantine, que confia a filha a um par de sinistros malandros, de cuja tirania brutal ela é salva pelo criminoso regenerado, Jean Valjean.”

[O humanitarismo vem para mostrar a realidade da sociedade, uma denuncia da desigualdade da época, pois na literatura mais antiga focava na elite e com o humanitarismo vem desmitificar que não há desigualdade.]

“Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos
diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.”

[A literatura é um dos instrumentos mais importantes para a nossa consciência social, dá uma visão de mundo que sem ela não seria possível, a comparação do passado com o presente que é assustadoramente semelhante. A literatura deu “voz” aos pobres, denunciou e continua denunciando a desigualdade na sociedade. Sendo assim sendo criado o parâmetro com os direitos humanos]